



## **Jornalismo gonzo: a quebra da normatividade jornalística<sup>1</sup>**

Eduardo RITTER<sup>2</sup>

### **Resumo**

A partir do conceito de normatividade e das reflexões apontadas por Jesse Prinz sobre o tema, apresenta-se uma ideia de normatividade jornalística, baseada em discussões éticas e deontológicas acerca da prática profissional do jornalismo. Entretanto, encontra-se inserido na história da imprensa o jornalismo gonzo, criado pelo jornalista norte-americano Hunter S. Thompson, que apresenta uma quebra dessa normatividade jornalística. Dessa forma, demonstra-se que, assim como na filosofia de Prinz, no jornalismo a normatividade também é algo que vai além da metaética.

### **Palavras-chave**

Jornalismo gonzo; New Journalism; Normatividade; Deontologia; Ética

## **1 INTRODUÇÃO**

Assim como em todas as profissões, o jornalismo também apresenta conceitos, definições e discussões sobre quais são as condutas adequadas para a prática profissional. A partir de uma sistematização feita da obra de autores que tratam da deontologia das mídias, da ética no jornalismo e da normatividade, apresenta-se no presente estudo um breve conceito do que é a normatividade na prática jornalística. Nesse sentido, optou-se por abordar a deontologia sob a ótica de Bertrand (1999), da formação ética no jornalismo a partir de Christofolletti (2008), e da ideia de normatividade apresentada por Prinz (2004) no campo da filosofia.

Feita essa sistematização, em um segundo momento, contextualizamos historicamente o jornalismo gonzo, objeto desse estudo, como um tipo de jornalismo criado pelo jornalista norte-americano Hunter S. Thompson dentro do estilo que ficou conhecido como New Journalism. Após essa apresentação feita sobre a normatividade jornalística e o New Journalism, em um terceiro momento, o presente estudo analisa

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e doutorando do curso de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Email: rittergaucho@hotmail.com



como a normatividade da prática jornalística vai muito além da metaética, e o jornalismo gonzo é um exemplo disso.

Dessa forma, metodologicamente, caracterizamos essa pesquisa como sendo do tipo exploratória, desenvolvida com base na pesquisa qualitativa, ou seja, que trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças, valores, que dizem respeito a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos e processos, e que não são perceptíveis em números, equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994). Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica, que é feita quando as perguntas devem estar direcionadas para os autores, “ou seja, se o desejo é formular e encontrar respostas em fontes bibliográficas do campo da educação e outros campos do saber” (TEIXEIRA, 2005, p.118).

Vale ressaltar ainda que essa quebra da normatividade jornalística não se restringe unicamente ao jornalismo gonzo de Thompson, pois diversos produtos jornalísticos contemporâneos também fazem uso dessa quebra normativa, como os programas televisivos e radiofônicos que mesclam informação e entretenimento e que ainda geram discussões sobre os limites entre o jornalismo e o humor. Outro ponto importante a ser destacado nesse texto introdutório é o interesse do autor pelo tema, pois este estudo integra um projeto mais amplo de análise sobre o assunto.

## **2 A NORMATIVIDADE JORNALÍSTICA**

Historicamente, sempre existiu por parte dos meios de comunicação uma preocupação de bem servir o público com um jornalismo de credibilidade. É essa preocupação que existe nos meios de comunicação, através da discussão das práticas profissionais entre produtores, proprietários das empresas de comunicação e o público, que Bertrand (1999) chama de deontologia das mídias. A partir dessa ideia, o autor apresenta alguns pontos de discussão entre os interesses divergentes que existem entre proprietários dos meios de comunicação, jornalistas e o público, afinal, a mídia “constitui ao mesmo tempo uma indústria, um serviço público e uma instituição política” (BERTRAND, 1999, p.11).

A partir dessa discussão deontológica, são abordadas as questões éticas da prática jornalística, que estão diretamente relacionadas a normatividade da profissão. Essas questões éticas foram muito bem sistematizadas por Christofolletti (2008), apresentando e analisando os principais códigos de conduta da prática profissional do



jornalismo no Brasil e no exterior. Em sua obra, o autor apresenta uma definição de moral que, no sentido coletivo, forma o conceito de ética profissional.

A moral é isso: um conjunto de valores que orientam a conduta, as ações e os julgamentos humanos. Valores como bondade, justiça, liberdade, igualdade, respeito à vida, entre tantos outros. [...]

Aquilo que os homens fazem com a moral, isto é, como fazem os valores funcionarem, é o que se convencionou chamar de ética (CHRISTOFOLETTI (2008, p.16).

Essas premissas deontológicas e éticas sobre a prática profissional são fundamentais para elaborarmos um conceito de normatividade jornalística, que são as normas e as definições do que é ou não permitido na conduta do profissional, assim como o termo normatividade, de acordo com Gauer (2011) é utilizado para definir a conduta humana.

Mas como podemos definir o que é normatividade jornalística? Chirstofoletti nos dá alguns indícios para essa resposta: “o fato é que não é possível viver em sociedade sem regras. Elas impõem limite, mas também garantem direitos. Isso é, joga melhor quem conhece as regras” (CHRISTOFOLETTI, 2009, p.79). Ou seja, a normatividade no jornalismo são justamente as regras que definem o que é permitido e o que não é na sua prática profissional. Nesse sentido, o mesmo autor salienta como alguns exemplos de códigos de ética como os documentos da Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ), da American Society of Newspaper Editors (ASNE), da Society of Professional Journalists (SPJ) e a Declaração de Chapultec. No Brasil, o mais representativo é o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, assinado pela Federação dos Jornalistas (Fenaj). São esses textos que, teoricamente, deveriam normatizar a profissão. Também vale ressaltar que há pontos comuns e divergentes entre esses textos. O fato é que, conforme Christofolletti (2009, p.89) “repórteres e editores atendam mais às recomendações éticas baixadas pelas empresas que as formuladas por entidades órgãos classistas”.

Outro item que nos interessa são os pontos comuns entre os textos que dão um caráter de normatividade a prática jornalística. Entre esses pontos podemos destacar alguns que, como veremos na análise do jornalismo gonzo, não estão bem resolvidos, como a busca pela imparcialidade, a não aceitação do uso de ficção, a busca pela verdade acima de tudo, a conduta moral que sempre deve buscar o serviço em favor do



público, a separação entre informação e entretenimento e o não envolvimento emocional entre jornalista e fonte.

Entretanto, nesse ponto vale ressaltar a concepção de normatividade desenvolvida por Prinz (2004) que considera a origem biológica das emoções e dos sentimentos morais, ou seja, há determinadas condutas humanas comuns à humanidade que não estão enquadradas em uma visão metaética, que desconsidera as variáveis que são exigidas para uma formulação da normatividade ético-moral. Esse ponto pode ser estendido para o jornalismo, uma vez que há tipos de práticas jornalísticas que ficam às margens das normas estabelecidas pelos códigos de ética, manuais de produção e livros que visam esclarecer o que é ético e o que não é no trabalho do jornalista. Aqui pode-se estender para o jornalismo a questão levantada por Prinz (2002, p.146): “A questão crucial para o empirista é se representações perceptivas podem capturar todas essas informações. Em alguns casos, a resposta é obviamente afirmativa”<sup>3</sup>. Ou seja, alguns pontos que não são apontados como forma de produção jornalística podem ser facilmente apontados, enquanto outros apresentam características mais sutis, como é o caso do jornalismo gonzo, que será analisado na última etapa deste estudo.

Antes disso, apresentamos uma contextualização do cenário em que o jornalismo gonzo surge: o estilo denominado por Tom Wolfe de New Journalism.

### **3 NEW JOURNALISM**

Foi justamente no período histórico em que era desenvolvido o estilo que ficou conhecido como New Journalism, que surge o jornalismo gonzo de Hunter S. Thompson. Entretanto, antes de ser apresentado o conceito de jornalismo gonzo, será feita a contextualização acerca do New Journalism.

Aqui, o New Journalism será tratado sob a concepção de Marcelo Bulhões, de que não chegou a ser um movimento, “pois não despontou com um delineamento de idéias estabelecidas por um grupo coeso de representantes, tampouco elaborou um programa ou um manifesto declaratório de princípios” (BULHÕES, 2007, p.145), ou seja, o New Journalism foi mais uma atitude que ocorreu na fluência de uma prática textual desenvolvida mais especificamente em algumas revistas e jornais norte-americanos, que inicialmente era chamada de reportagem especial, publicada por

---

<sup>3</sup> Tradução do autor.



jornalistas como Tom Wolfe e Gay Talese, até chegar à grande narrativa com tom literário, como o clássico *A sangue frio*, de Truman Capote.

Também vale lembrar que o New journalism surge justamente em um período em que os Estados Unidos - e, conseqüentemente, o mundo - vivia uma fase de grandes transformações culturais:

Retrospectivamente, o advento do New journalism revela uma admirável consonância com o espírito transgressor da década de 1960. De fato, é compreensível e ao mesmo tempo revelador situar seu desabrochar no início de um período de profunda transgressão de valores, quando já se ouviam os primeiros hits - dos Beatles, dos Rolling Stones, de Bob Dylan - que embalariam um período fascinantemente movimentado, marcado por profundas transgressões comportamentais (BULHÕES, 2007, p. 146).

Bulhões (2007) também aponta alguns marcos do New journalism. O primeiro é em 1962, quando Gay Talese publica, na revista *Esquire*, uma reportagem-perfil sobre o ex-boxeador Joe Louis, que marcaria essa nova tendência, por apresentar sinais claros das transformações que estavam chegando. “Talese constrói seu texto apoiando-se largamente em diálogos intimistas - como o entabulado entre Louis e sua esposa - manejando com habilidade um atraente jogo narrativo-expositivo” (BULHÕES, 2007, p. 147). Já em 1963, é a vez de Jimmy Breslin adotar o mesmo estilo em sua coluna do jornal *Herald Tribune*. Um ano depois, aparece Tom Wolfe:

O atrevimento de Wolfe vinha com transgressões mais cortantes, tanto no manejo das técnicas de captação jornalística, quanto no plano da expressão verbal, com a presença extravagante de travessões, pontos de interrogação, reticências, uso multiplicado de letras para produzir um efeito gráfico e fônico e mudanças constantes de foco narrativo, em que o narrador entra na cabeça de seus personagens, assumindo sua perspectiva e as marcas da sua linguagem (BULHÕES, 2007, p. 147).

Aliás, um marco nessa trajetória foi a publicação de uma carta escrita por Tom Wolfe ao editor da revista *Esquire*, Byron Dobell, em 1964, que a transformou em matéria, como conta o próprio Wolfe:

O Escrevi a reportagem *The kandy-kolored tangerine-flake streamline baby* das 6 da tarde às 6 da manhã do dia seguinte. Escrevi 48 páginas naquela noite. Tenho de confessar que, quando eu já estava com meio caminho andado, comecei a me dizer “Hei, esta metade não está mal”. Então, não me surpreendi quando o editor, Byron Dobell, me acordou naquela tarde com um telefonema me informando que eles tinham a intenção de tirar o “Caro Byron” das minhas anotações e publicá-las da forma como estavam. Aquela história tinha a



vantagem do tom solto e confuso que vem naturalmente, quando você está escrevendo uma carta para uma pessoa, nesse caso, o caro Byron. [...] De qualquer forma, aquela matéria eliminou qualquer resquício de restrição que ainda podia haver.<sup>4</sup>

Porém, vale ressaltar que, quando esse tipo de texto passou a ser utilizado em jornais e revistas, ainda não havia uma denominação específica, como ressalta Tom Wolfe (2005, p. 40) que em *Radical chique* e *o Novo Jornalismo*, apresenta uma versão para uma possível origem do termo:

Seymour Krim me conta que ouviu essa expressão ser usada pela primeira vez em 1965, quando era editor do *Nugget* e Pete Hamill o chamou para dizer que queria um artigo chamado “O Novo Jornalismo” sobre pessoas como Jimmy Breslin e Gay Telese. Foi no final de 1966 que se começou a ouvir as pessoas falarem de “Novo Jornalismo” em conversa, pelo que posso lembrar.

É dentro desse cenário que aparece a figura de um importante escritor-jornalista que consagrou esse gênero: Truman Capote, com a publicação de *A sangue frio*, que causaria grande impacto entre os leitores e os próprios jornalistas da época, influenciando ainda as futuras gerações de escritores-jornalistas. Mesmo que Capote não considerasse a sua obra como jornalística, ela acabou sendo fundamental para o surgimento do que ficou conhecido como romance de não-ficção, ou romance reportagem. Conforme Bulhões (2007, p. 149), Capote considerava que, desde a década de 1920, nada de inovador havia sido registrado na literatura, e apostou, assim, que a prática e as técnicas do jornalismo poderiam levar o seu texto a uma inovação. O escritor queria “escrever uma longa narrativa apoiada na prática jornalística, uma narrativa sem fabulação, sem formulação imaginativa, um romance jornalístico, se isso faz algum sentido”. E conseguiu, como ressalta Chillón (1993, p. 118):

Capote harmoniza sabiamente todos os ingredientes que fazem uma boa novela realista: a caracterização minuciosa, poliédrica, dos personagens principais; a complexa arquitetura composta no relato, na qual estão incorporadas as cenas, com a utilização dos resumos narrativos, dos diálogos, das tipografias, cartas, declarações, retratos, as elipses e digressões informativas, o uso de detalhe realista, utilizado como um recurso local para condensar uma psicologia ou uma situação, e, especialmente, a habilidade de contar a história, que repousa em grande parte na voz de um narrador onisciente com uma impessoalidade flaubertiana.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Trecho de entrevista concedida por Tom Wolfe à Revista *Magis* (out/nov de 2009, p. 44), respondendo à pergunta de Marques Leonam Borges da Cunha.

<sup>5</sup> Tradução do autor.



A história de Capote é contada também por Tom Wolfe (2005, p. 45), que lembra o impacto que a publicação de “A sangue frio” (1966) teve no público leitor da época:

A história de Capote, contando a vida e a morte de dois vagabundos que estouraram as cabeças de uma rica família rural em Kansas, foi publicada em capítulos na *The New Yorker*, no outono de 1965, e saiu em forma de livro em fevereiro de 1966. Foi uma sensação - um baque terrível para todos os que esperavam que o maldito Novo Jornalismo ou Parajornalismo se esgotasse como uma moda. Afinal, ali estava não um jornalista obscuro, nem algum escritor freelance, mas um romancista de longa data [...] cuja carreira estava meio parada [...] e, de repente, de um só golpe, com aquela virada para a maldita forma nova de jornalismo, não só ressuscitava sua reputação, mas a elevava mais alto que nunca antes [...] e, em troca, tornava-se uma celebridade da mais inacreditável magnitude. Pessoas de todo tipo leram “A sangue frio”, pessoas de todos os níveis de gosto.

Apesar do surgimento do New journalism nos Estados Unidos, deve-se considerar que escritores mais antigos já haviam feito práticas semelhantes, como, por exemplo, o naturalista Émile Zola, que, em *A taberna* (1877), já apresentava um estudo sobre alcoolismo em um texto que se aproxima da grande reportagem; ou ainda em *Naná*, um estudo sobre a prostituição; e, em *Germinal*, um relato sobre a situação em que viviam os mineiros (BULHÕES, 2007).

Na visão de Zola, a observação é superior à imaginação e o escritor é ativo e arrojado, e não especulativo ou misterioso. “Em tudo isso - já se pôde perceber - há algo de jornalístico” (BULHÕES, 2007, p. 69). Apesar de que o próprio Zola não concebesse estratégias de aproximação do jornalismo com a literatura, inclusive defendendo um jornalismo doutrinário.

Já Carlos Rogé Ferreira (2004) aponta que o termo New journalism foi usado pela primeira vez em Londres, por Matthew Arnold, em 1887, para descrever o estilo da revista *Pall Mall Gazette* de Stead, que era mais atrevido e pessoal, sendo que esse termo reapareceria anos mais tarde com a geração norte-americana. Independentemente disso, Capote teria invertido a lógica de seus colegas, que partiram do jornalismo para se aproximar da literatura, pois ele “seria o escritor literário que buscou na prática jornalística uma nova experiência de realização literária” (BULHÕES, 2007, p. 155).

É nesse contexto que surge o jornalismo gonzo de Hunter Thompson, como será apresentado a seguir.



## 2.1 O jornalismo gonzo de Hunter S. Thompson

O jornalismo gonzo foi definido pelo próprio Thompson (2004, p.46) como “um estilo de reportagem baseada na idéia de William Faulkner de que a melhor ficção é muito mais verdadeira que qualquer tipo de jornalismo – e os melhores jornalistas sempre souberam disso”. Ou seja, Thompson (2004) considera tanto a literatura quanto o jornalismo como categorias artificiais, sendo que nenhum dos dois consegue reproduzir em palavras a realidade. “As duas formas, em seus melhores momentos, são apenas dois meios diferentes para alcançar o mesmo fim” (2004, p.46).

Entretanto, em obras como *Medo e delírio em Las Vegas*, o próprio Thompson classificou essa tentativa de concretização do jornalismo gonzo como fracassada:

Minha idéia era comprar um bloco de anotações bem grosso e registrar a coisa toda enquanto ela acontecia, e em seguida mandar as anotações para a publicação – sem edição. Desse jeito, imaginei, o olho e a mente do jornalista funcionariam como uma câmara. O texto seria seletivo e necessariamente interpretativo – mas, uma vez que a imagem fosse registrada, as palavras seriam definitivas. Da mesma forma que uma fotografia de Cartier Bresson é sempre (de acordo com ele) um negativo de quadro inteiro. Nenhuma alteração no quarto escuro, nada de cortes ou aparadas, nada de procurar erros, nada de edição (THOMPSON, 2004, p.46).

Mesmo tendo essa definição de que o jornalismo gonzo deve ser feito enquanto as coisas acontecem, Thompson justifica que a sua tentativa foi fracassada porque “no final das contas, acabei impondo uma estrutura essencialmente ficcional ao que começou como uma peça jornalística convencional/maluca” (THOMPSON, 2004, p.46).

Entretanto, vale ressaltar que nem sempre os autores são as melhores pessoas para analisar a própria obra. Mesmo tendo essa definição de que o jornalismo gonzo deve ser feito enquanto as coisas acontecem, Thompson justifica que a sua tentativa foi fracassada porque “no final das contas, acabei impondo uma estrutura essencialmente ficcional ao que começou como uma peça jornalística convencional/maluca” (2004, p.46). Partindo dessa concepção, pode-se dizer que o jornalismo gonzo é muito mais difícil de ser praticado do que se imagina, porém, há algumas características que podem ser apontadas como possíveis a realização desse tipo de jornalismo.

Enquanto, em uma análise superficial, alguns podem considerar que tudo é jornalismo gonzo, Thompson aponta algumas características que devem estar presentes nesse tipo de reportagem. Ou seja, não basta apenas usar recursos da literatura no





jornalismo, bem como não pode se valer apenas da literatura e da ficção para narrar a história real:

Gonzo requer os talentos de um mestre do jornalismo, o olho de um artista/fotógrafo e os colhões firmes de um ator. Porque o escritor precisa participar da cena enquanto escreve sobre ela – ou pelo menos gravá-la, ou mesmo desenhá-la. Ou as três coisas. Provavelmente a analogia mais próxima do ideal seria um diretor/produtor de cinema que escreve seus próprios roteiros, faz seu próprio trabalho de câmara e de algum modo consegue filmar a si mesmo em ação, como protagonista ou pelo menos um dos personagens principais (THOMPSON, 2004, p.47).

Já Pena (2006, p.56) define o jornalismo gonzo como um “estilo de reportagem, caracterizado por um envolvimento pessoal com a ação que estava descrevendo, sem medir conseqüências, por mais perigosas que fossem”. Além disso, Pena (2006) cita que uma técnica defendida por Thompson para que a matéria rendesse era xingar o interlocutor, caso a entrevista não estivesse levando a lugar nenhum. Essa técnica foi feita com os motoqueiros do Hell’s Angels, que também se tornou livro. O autor conviveu com os motoqueiros por um ano e meio e, em meio à convivência, tomou uma grande surra que o deixou no hospital, como Thompson conta no Posfácio da obra: “No Dia do Trabalho de 1966, abusei um pouco da sorte e apanhei feio de quatro ou cinco Angels que pareciam achar que eu estava me aproveitando deles” (THOMPSON, 2010, p.341).

Outra particularidade comum nas reportagens de Thompson é o uso frequente de drogas. Em Medo e Delírio em Las Vegas, em toda a narrativa o jornalista aparece atuando sob o efeito de narcóticos, inclusive, quando ele participa da cobertura de uma convenção sobre drogas que contou com a participação de autoridades judiciais e policiais norte-americanas. No entanto, mesmo com a linguagem frenética, o uso de palavrões e o humor-cínico, o texto de Thompson se apresenta como jornalístico-narrativo.

Sobre o que se refere ao estilo de texto, é possível apontar algumas características gerais presentes no jornalismo gonzo:

- 1) Narrativa em primeira pessoa: o autor participa da notícia e deixa isso explícito ao leitor.
- 2) Utilização do humor: o humor está sempre presente, muitas vezes disfarçado de ironia.
- 3) Opinião: o jornalista participa da ação e emite opinião sobre o fato.



4) Uso de palavras: na maioria dos textos de Thompson o palavão é um re-curso, principalmente para caracterizar o humor do texto.

5) O uso de entorpecentes, tanto lícitos (bebida alcoólica, por exemplo) quanto ilícitos (como LSD) pelo jornalista que escreve o texto.

Com essas cinco características, apresentaremos na última etapa desse estudo como o jornalismo gonzo foi um tipo de jornalismo que quebrou com a normatividade da prática jornalística baseada na metaética.

#### **4 JORNALISMO GONZO E A QUEBRA DA NORMATIVIDADE**

Como foi visto nos dois capítulos anteriores, há diversos pontos de divergência entre a normatividade jornalística e a prática exercida pelo jornalismo gonzo de Hunter S. Thompson. Pode-se começar por uma das premissas básicas que conduzem a normatividade jornalística: a busca pela verdade. “Para um; jornalista, abandonar o compromisso com a verdade não é um deslize, é uma falha ética e grave” (CHRISTOFOLETT, 2008, p.11). Aqui podemos identificar claramente a primeira quebra de normatividade feita por Thompson. São várias as passagens onde ele relata alucinações ou dúvidas sobre o que é realidade e o que é alucinação ou ficção em Medo e delírio em Las Vegas, como no seguinte trecho da obra:

Não! Eu não podia estar ouvindo aquilo! Devia ser a droga. Olhei de relance para o meu advogado, mas ele estava encarando o céu. Percebi que o cérebro dele tinha escapado para o destino final naquela terra além do sol. Graças a Jesus ele não está ouvindo essa música, pensei. Aquilo causaria um acesso de fúria racista (THOMPSON, 2011, p.37).

Ou seja, o jornalismo gonzo apresenta características que ficam à margem da normatividade jornalística, que são as normas que determinam o que pode e o que não pode ser feito pelos jornalistas em sua prática profissional. Outro ponto que foge às normas é o declarado uso de drogas em praticamente todos os processos de produção da matéria, afinal, nenhum manual de redação ou código de ética prevê a utilização dessa prática durante o trabalho exercido pelo jornalista. Aliás, é justamente pelo uso declarado de entorpecentes em sua obra que se pode considerar a obra de Thompson como a única obra de jornalismo gonzo feita até hoje. Outros autores que se declaram jornalistas gonzos acabam não apresentando todas as características mencionadas no capítulo anterior.



O uso de drogas feito por Hunter Thompson influencia diretamente tanto na cobertura que ele está fazendo de um evento, quanto na maneira de escrever. Em *Medo e delírio em Las Vegas*, por exemplo, na segunda parte da obra ele está em Las Vegas para cobrir um encontro de autoridades policiais e do judiciário norte-americano no combate ao narcotráfico e ao uso de entorpecentes. Entretanto, o jornalista não se intimida e acaba se envolvendo em diversas situações incomuns para um jornalista que cobre um evento para uma revista, como quando o seu advogado acaba agredindo uma funcionária do hotel onde estavam hospedados:

*Meu advogado se levantou, ofegante. Acho que ela usou uma chave mestra, falou. Eu tava engraxando meus sapatos no closet e de repente notei ela entrando de fininho – aí peguei a safada. Ele tremia. Vômito e baba escorriam pelo seu queixo, e na hora percebi que ele compreendia a gravidade da situação. Daquela vez nosso comportamento tinha ultrapassado bastante os limites da loucura particular. Ali estávamos nós, completamente nus, olhando para uma velhinha aterrorizada – uma empregada do hotel – estendida no chão da nossa suíte num acesso de medo e histeria (THOMPSON, 2011, p.198).*

A obra *Medo e delírio em Las Vegas*, inclusive, começou como uma reportagem para revista, mas acabou se tornando um livro, que acabou sendo chamado, pelo próprio Hunter Thompson, de sua principal tentativa de colocar em prática o jornalismo gonzo. Aliás, outras obras, como *Hell's Angels*, não apresentam as mesmas características. O livro sobre os motoqueiros foras da lei norte-americanos é, em todos os sentidos, uma grande reportagem que virou livro, sem a utilização dos mesmos recursos de criação das outras obras caracterizadas como jornalismo gonzo. Aliás, é o que fala Tom Wolfe aos biógrafos de Thompson. “[*Hell's Angels*] é uma bela combinação de histórias reais, pensamentos reais e um pouco de estilo cômico”<sup>6</sup> (WENNER; SEYMOUR, 2007, p.88).

Aliás, as obras de jornalismo gonzo vão em sentido antagonico à alguns valores jornalísticos estabelecidos por Bertrand, como por exemplo, os deveres do homem, que no caso, são os deveres do jornalista. Dos itens apontados pelo autor, pelo menos três não são cumpridos por Thompson: 1) não à violência; 2) não à pornografia; e 3) não ao perjúrio e à blasfêmia. Isso fica claro no episódio em que seu advogado agrediu uma funcionária do hotel, já estão sendo quebrados esses três princípios.

Temos também cinco antagonismos facilmente identificáveis que podem ser apontados entre o jornalismo gonzo e a normatividade jornalística:

---

<sup>6</sup> Tradução do autor.



- 1) Participação do jornalista nos acontecimento x Jornalista como observador que busca a verdade
- 2) Presença do humor e de linguagem ofensiva contra algumas pessoas x Respeito às fontes e às pessoas envolvidas na matéria
- 3) Uso de palavrões x Linguagem com preocupações estéticas e de clareza
- 4) O uso de entorpecentes x Sobriedade
- 5) Envolvimento emocional do jornalista com a fonte x Isenção jornalística

Nessa sistematização é defensável a idéia de que, primeiro, o jornalismo gonzo é um tipo reconhecido de jornalismo, e, em segundo lugar, ele claramente quebra a normatividade estabelecida para a profissão.

Essa tendência em quebrar com as normas que caracteriza o trabalho de Hunter Thompson vai muito além da prática jornalística. Em sua biografia também é perceptível as suas ações ocorrendo em sentido contrário ao autoritarismo e às normas estabelecidas pela sociedade. “Meu primeiro confronto com o FBI ocorreu quando eu tinha nove anos” (THOMPSON, 2007, p.31). Como demonstra o trecho de um texto autobiográfico de Thompson, desde cedo ele demonstrou uma postura questionadora ao status-quo. Tanto é que, no decorrer da vida, além de jornalista ele foi gerente de casa noturna e candidato a xerife de uma pequena cidade do Texas. Como o próprio Thompson (2007) destaca, a sua tentativa em se tornar xerife nada mais foi do que uma forma de protestar contra o estado geral das coisas. Aliás, a sua adolescência também foi marcada por uma constante quebra de normas.

*Eu me lembro do juiz Jull, do Tribunal do Juizado de Menores, dizendo: Bem, Hunter. Você tornou minha vida um pesadelo durante quatro anos. Você entrou e saiu deste Tribunal. Você debochou dele. Agora você vai se distanciar de mim. Esta é minha última tentativa com você. Eu o condeno agora a sessenta dias na Prisão Municipal. Essa foi a última cartada deles (THOMPSON, 2007, p.73-74).*

A biografia e a obra de Hunter S. Thompson permite que sejam citados inúmeros casos de quebra da normatividade jornalística, judicial e social. Em uma entrevista concedida o jornalista-escritor justifica a sua postura, tanto no jornalismo, quanto na literatura e na sua vida pessoal.

Em geral, apenas sigo meu próprio gosto. Se gosto de uma coisa e por acaso ela vai contra a lei, bem, aí pode ser que eu tenha um problema. Um fora-da-lei pode ser definido como alguém que vive no lado de fora das leis, além das leis,



mas não necessariamente contra elas. [...] Eu era apenas um escritor. Não estava tentando ser um escritor fora-da-lei. Nunca tinha ouvido falar nesse termo: foi inventado por outra pessoa. Mas todos nós estávamos no lado de fora da lei: Kerouac, Miller, Burroughs, Ginsberg, Kesey; eu não tinha um parâmetro para definir quem era o pior fora da lei (THOMPSON, 2007, p.96).

Talvez foi por ter sido um cidadão e um jornalista que não se adequava ao que estava normatizado, ou por não ter se adaptado a cadeira de rodas que, em 2005, Hunter S. Thompson se suicidou. De qualquer forma, como foi ressaltado, ele acabou sendo o único representante desse tipo de jornalismo que hoje é conhecido em todo o mundo como jornalismo gonzo. O jornalismo que quebra com a normatividade jornalística.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a breve apresentação de idéias de normatividade jornalística, new journalism e jornalismo gonzo, ressalta-se que muitos pontos ainda devem ser discutidos tanto no meio acadêmico, quanto entre profissionais jornalistas, proprietários de meios de comunicação e público para se ter códigos de ética e manuais de redação que não fiquem presos na normatividade estabelecida baseada em uma metaética ampla mas fechada. Nesse sentido, não se defende aqui a utilização da ficção ou de outros recursos literários em todo o trabalho jornalístico, entretanto, também não se pode reduzir a prática jornalística ao trabalho diário feito por jornalistas em veículos de comunicação.

Partilha-se aqui a ideia de outros autores que defendem que se tenham códigos de ética para cada tipo de jornalista profissional, ou seja, conforme as suas particularidades. Assim, ter-se-ia um texto específico para o repórter de jornal diário, outro para o jornalista que atua em rádio ou TV, um terceiro para profissionais da internet, e outros para assessores de imprensa e para jornalistas que trabalham com livros-reportagens, jornalismo literário e afins.

Encerra-se essa etapa salientando o interesse do autor pelo tema e destacando que o presente texto integra um projeto mais amplo que analisa as relações entre jornalismo e literatura, tanto na historicidade quanto contemporaneamente. Também é partilhada aqui a concepção de Christofolletti (2009) de que assuntos relacionados a ética e a deontologia da profissão devem ser cada vez mais discutidos e refletidos. Nesse sentido, o presente estudo também objetivou contribuir para essa reflexão.



## Referências bibliográficas

- BERTRAND, Claude-Jean. **A deontologia das mídias**. Bauro: Edusc, 1999.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CHILLÓN, Lluís Albert. **Literatura i periodisme**: literatura periodística i periodisme literari en el temps de la post-ficció. Alacant: Secretariat de Publicacions de la Universitat d'Alacant; Castelló: Publicacions de la Universitat Jaume I; València: Universitat de València, 1993.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FERREIRA, Carlos Rogé. **Literatura e jornalismo, práticas políticas**. São Paulo: Edusp, 2004
- GAUER, Ruth Chittó. **A fundação da norma para além da racionalidade histórica**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2011.
- MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MONTORO, Jose Acosta. **Periodismo y literatura**. Madrid: Guadarrama, 1973.
- NEVAU, Erik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.
- PENA, Felipe. O jornalismo literário nas imagens de Freud e Lacan: por uma teoria psicanalítica do Jornalismo. **Revista de Ciências da Comunicação**, São Paulo: Intercom, v. 32, n. 2, p. 185-198, jul./dez. 2009.
- PRINZ, Jesse. **The emotional Construction of morals**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Furnishing the mind**: concepts and their perceptual basis. Massachusetts: MIT Press, 2002.
- TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- THOMPSON, Hunter S. **A grande caçada aos tubarões**. São Paulo: Conrad, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Hell's Angels**. Porto Alegre: LP&M, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Medo e delírio em Las Vegas**. Porto Alegre: LP&M, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Reino do medo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Rum: diário de um jornalista bêbado**. Porto Alegre: LP&M, 20 10



WENNER, Jann S.; SEYMOUR, Corey. **Gonzo**: the life of Hunter S. Thompson. New York: Back Bay Books, 2007.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.